

CORPO, PENSAMENTO E LINGUAGEM: APROXIMAÇÕES A UMA SEMÂNTICA COGNITIVA DO HEBRAICO BÍBLICO¹

Enio R. Mueller²

Resumo: Este artigo discute uma questão central na área da linguística, especialmente nos estudos semânticos: a correlação entre linguagem e pensamento. Diferentes paradigmas se apresentam. Um dos objetivos deste texto é mostrar como, neles, questões filosóficas se misturam a questões linguísticas. O paradigma privilegiado é o da linguística cognitiva. A partir dele, um terceiro elemento entra como determinante dessa correlação: a corporeidade. Deste espectro mais amplo, o estudo passa para um mais restrito: a semântica do hebraico bíblico. É parte da constante busca de aperfeiçoamento do referencial teórico de um novo dicionário em processo de produção: o Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico (DSHB). O estudo descreve o processo teórico que levou a esse projeto.

Palavras-chave: Linguagem. Linguística cognitiva. Semântica cognitiva. Hebraico bíblico.

*Body, thought and language: approaching the cognitive semantics
of the Biblical Hebrew*

Abstract: This article discusses a central issue in the area of Linguistics, especially in semantic studies: the correlation between language and thought. Different paradigms treat this question in different ways. One of the aims is to show how in them philosophical questions mix with linguistic issues. The privileged paradigm is cognitive linguistics. From its perspectives, a third element enters as co-determinant in this correlation: the body. From this broad discussion, the text gets to a more restricted field: the semantics of Biblical Hebrew. The study is part of the constant process of clarification of the theoretical basis of a new dictionary in production: the Semantic Dictionary of Biblical Hebrew. It describes the theoretical process behind this project.

Keywords: Language. Cognitive linguistics. Cognitive semantics. Biblical Hebrew.

¹ O artigo foi recebido em 18 de março de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 30 de abril de 2010.

² Professor titular na Faculdades EST, São Leopoldo. Pesquisador do CNPq. Coordenador do projeto “Cartografia Semântica do Hebraico Bíblico”, em parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil. Editor assistente do *Semantic Dictionary of Biblical Hebrew* (2002-), responsável pela produção de sua versão portuguesa, o *Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico* (2005-) (www.sdbh.org). Uma versão inglesa deste texto está disponível em: <<http://www.sdbh.org/vocabula/index-pt.html>>. enior.mueller@est.edu.br.

Uma questão tão importante quanto controversa nos estudos de linguística tem sido a da relação ou da correlação entre linguagem e pensamento. Paradigmas diferentes concorrem, numa discussão que envolve necessariamente aspectos filosóficos, nem sempre conscientes e explicitados. Por um lado, a disputa entre diferentes paradigmas se dá no mesmo espaço-tempo. Por outro lado, poder-se-ia mostrar uma certa sucessão entre eles ao longo do último século.

O contexto imediato dessas reflexões é o constante trabalho de elucidação do referencial teórico que sustenta a produção de um dicionário em curso: o Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico (DSHB). O foco, portanto, será o das incidências dessa discussão para o esclarecimento da semântica do hebraico bíblico. O paradigma teórico privilegiado na produção desse dicionário é o da linguística cognitiva. Foram justamente as perspectivas abertas por esse novo paradigma que tornaram necessário que se abrisse de novo a questão da correlação entre linguagem e pensamento.

Um dos objetivos deste texto é revisitar alguns lugares centrais dessa discussão no âmbito do hebraico bíblico nas últimas décadas. É em função dele que a discussão linguística mais geral será trabalhada. No âmbito do hebraico bíblico, um dos pesquisadores que fez época no estudo dessa questão foi o britânico James Barr, que no início dos anos 1960 lançou um livro no qual ela se cristalizou, por um lado, e que por outro lado abriu amplas perspectivas, que em parte estão sendo discutidas até hoje. Neste texto, portanto, Barr não representa só a si próprio, mas também um influente paradigma de pesquisa, que vamos chamar de “paradigma objetivista”.

Revisitando a história recente da pesquisa semântica do hebraico bíblico

Por volta da virada do século, Reinier de Blois³ resumiu assim a questão:

Através dos últimos séculos, uma enorme quantidade de pesquisa linguística teve lugar no âmbito do hebraico bíblico. Nela, porém, a semântica sempre desempenhou um papel muito pequeno. A razão principal para isso, evidentemente, é que até recentemente a semântica não era realmente considerada uma disciplina científica importante por si própria. Como resultado desse quadro, fazia-se todo tipo de afirmações sobre os textos bíblicos, incluindo a cultura e as crenças por trás desses textos, sem argumentos linguísticos sólidos que as substanciassem.

³ de BLOIS, Reinier. **Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew based on Semantic Domains.** Dissertation, Vrije Universiteit Amsterdam, 2000a. p. 12.

Na sequência, ele se refere ao livro de James Barr, *The Semantics of Biblical Language*⁴, com a observação de que esse “reclama do jeito casual e arbitrário com que pesquisadores estão usando argumentos linguísticos para substanciar suas afirmações a respeito dos textos bíblicos e do transfundo teológico e cultural do povo que os produziu”⁵.

O livro de Barr fez história e influenciou toda uma geração de pesquisadores/as. Como exemplo pode-se mencionar a sua tradução para o alemão por Erhard Gerstenberger (*Biblexegese und moderne Semantik*, 1965), que tem a distinção de ter sido o único livro moderno nessa área a ser citado duas vezes na introdução escrita por Ernst Jenni para o primeiro volume do *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament* (1971). O modo como Jenni o trata é um eloquente testemunho do impacto por ele causado na pesquisa do Antigo Testamento.

Os trabalhos de Barr nessa área são importantes porque, além de mostrarem um pesquisador consciente e competente, são representativos de uma abordagem aos problemas que, na época, significava um novo paradigma de pesquisa. Esse fato justifica a sua consideração no presente contexto.

As teses de Barr ficaram famosas, em parte, por demandar uma significativa redução de elementos a serem considerados para a detecção do significado de palavras dentro de sentenças nos textos bíblicos. Uma de suas críticas era que perspectivas teológicas tendiam a superpopular os sentidos contextuais das palavras. Sua polêmica em relação a diversos verbetes do famoso *Theologisches Wörterbuch des Neuen Testaments* (o “Kittel”) é bem conhecida e não precisa ser revista aqui. O que se poderia discutir é se ela se aplicaria de modo direto também às duas obras análogas no campo do Antigo Testamento, o *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament* (o “Jenni-Westermann”) e o *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Esses dois dicionários foram produzidos, desde o início, em diálogo com as perspectivas representadas por Barr.

A citação de de Blois, acima, pode ser desinformativa num ponto. Ela dá a entender que a “semântica” não estava presente, ou só muito marginalmente, nas pesquisas bíblicas até a metade do século passado. O problema real não era a sua ausência, a não ser que a definamos por critérios muito modernos. O problema real, e isso era o que Barr queria demonstrar, era a sua inadequação metodológica. Mais especificamente, o fato de que, segundo o novo paradigma, essas pesquisas não levavam em devida conta a pesquisa especializada na área da linguística.

Como primeiro balanço, há que se ressaltar que as teses de Barr e o novo paradigma que elas representavam na pesquisa bíblica foram um importante movimento para frente, especialmente em relação a uma tendência, então existente, de forçar um universo especulativo de ideias (mormente de natureza teológica) para dentro das palavras cada vez que elas aparecem nos textos bíblicos. Com isso se

⁴ BARR, James. **The Semantics of Biblical Language**. Oxford: OUP, 1961.

⁵ de BLOIS, 2000a, p. 12.

gerava excessos de sentido, que mais eram sentidos atribuídos do que propriamente presentes nos textos. Nesse aspecto, algumas das proposições criticadas por Barr o foram justamente. E a justeza vai também para a percepção que ele teve de onde estaria uma das fontes principais do problema: a compreensão da cultura e das crenças por trás dos textos bíblicos e, especialmente, das correlações entre elas.

Por outro lado, estamos hoje diante de uma nova quebra de paradigmas na área da linguística, e os efeitos dela se estendem à pesquisa bíblica. À luz dela, algumas das proposições mais importantes de Barr precisam, por sua vez, ser re-visitadas. O presente texto quer levantar uma discussão sobre isso e o faz mais de modo programático do que por comprovações em detalhes.

Pressupostos filosóficos do paradigma objetivista

As proposições de Barr deixam-se, basicamente, reduzir a duas críticas. Primeiro, há a crítica a pressupostos filosóficos inadequados a pervadir a pesquisa bíblica. No horizonte de Barr, essa crítica era dirigida especialmente à chamada “escola de teologia bíblica”, que para ele tinha um amplo espectro (incluindo, por exemplo, boa parte dos teólogos sistemáticos alemães da primeira metade do século 20). Segundo, há a crítica da ausência de conexões mais estáveis da pesquisa bíblica com a linguística moderna. Claramente, essa segunda crítica está relacionada à primeira.

O livro de Barr é perpassado por uma crítica a certos pressupostos que teriam sua origem no que ele percebe como uma base filosófica inadequada, que geraria crenças que presidiriam subterraneamente o exercício da pesquisa bíblica. Barr designa essa base filosófica de várias maneiras, mas ela pode ser identificada com um idealismo do tipo comum no século 19, e que também impregnava o campo da linguística. Em palavras do próprio Barr, “uma filosofia que é herdeira de velhas superstições acerca da linguagem, e que na sua forma presente é herdada do idealismo do período imediatamente anterior ao surgimento da moderna ciência linguística”.⁶

Como já foi dito, essa perspectiva filosófica teve impacto também na área da linguística, especialmente do tipo humboldtiano. A principal crítica de Barr é dirigida à “herança humboldtiana da crença de que uma língua contém, implicitamente, uma metafísica”.⁷ Uma crença que ele quer demonstrar como completamente infundada desde o ponto de vista do que ele chama de linguística moderna. Mais acima, ele já a tinha definido como “a crença de que a linguagem reflete perfeitamente o pensamento”.⁸

⁶ BARR, 1961, p. 291.

⁷ BARR, 1961, p. 294.

⁸ BARR, 1961, p. 42.

Perspectivas na linguística alimentadas por esses pressupostos

Em discussão, portanto, está a relação entre o pensamento e a linguagem. Uma percepção inadequada dessa relação, segundo Barr, gerou “a ideia de que diferenças na estrutura de pensamento correspondem a diferenças na estrutura da linguagem”, o que, para ele, parece ser “contradito pelos fatos”; fatos produzidos pelas novas perspectivas na linguística às quais ele se associa.

Para Barr, muitas das questões trabalhadas com afincamento por gerações anteriores simplesmente evaporam quando se usam “os métodos mais estritos da linguística moderna”¹⁰. (Incidentalmente, chama a atenção como Barr não se cansa de se referir aos pontos de vista que ele critica como “crenças”, “ideias”, ao passo que os seus próprios argumentos são tratados como derivando-se de “fatos”, “evidências”).

No que diz respeito ao nosso tema aqui, a semântica do hebraico bíblico, Barr concentra-se basicamente em dois pontos: a correlação entre pensamento e linguagem e a pretensa peculiaridade do hebraico bíblico como língua. Em relação ao primeiro, ele convida os leitores a considerar “como uma possibilidade de pesquisa, que ao cabo não haja uma tal correlação especial entre o pensamento hebraico e a língua hebraica, como a que toda uma escola de intérpretes tem tentado demonstrar”¹¹.

O segundo ponto em que Barr concentra sua crítica é o da afirmação de uma peculiaridade própria do pensamento hebraico, a qual se crê, então, refletida na língua hebraica. Isso a tornaria especial em relação a outras línguas, uma espécie de “veículo apropriado para a revelação divina”.

Ao longo do livro, Barr até que se esforça para contrabalançar formulações mais severas com outras, tipo esta:

Em tudo isso, minha intenção não é sugerir que não haja, no mecanismo de construção do hebraico, nenhuma diferença em relação a estruturas indo-europeias comuns. O que eu estou sugerindo é que estas proposições de peculiaridade [...] precisam ser muito relativizadas, e que a possibilidade de se derivar alguma psicologia radicalmente diferente no que diz respeito a associações de objetos a partir da forma de construção [da língua e do pensamento] é bem mais exígua do que se tem proposto¹².

Pressupostos filosóficos da semântica no paradigma objetivista

Do que temos visto até aqui, está claro que, em seu livro, Barr está reagindo a uma abordagem linguística inadequada, baseada em perspectivas filosóficas inadequadas. Suas próprias simpatias filosóficas, os paradigmas de onde ele próprio

⁹ BARR, 1961, p. 42.

¹⁰ BARR, 1961, p. 67.

¹¹ BARR, 1961, p. 84s.

¹² BARR, 1961, p. 92.

constrói sua crítica, não ficam tão claras quanto as posições das quais ele discorda. Mas há elementos suficientes para localizá-las.

“Eu não ousei sugerir aqui uma filosofia da linguagem alternativa”, diz Barr a certa altura.¹³ Um pouco antes ele tinha feito a seguinte afirmação: “Se é verdade que a filosofia moderna (da qual eu possuo um conhecimento apenas amadorístico) coloca tanta ênfase no exame da linguagem cotidiana, pode ser que aqui tenhamos um ponto no qual o isolamento da teologia bíblica, em relação a tal filosofia, seja fonte de muitos prejuízos”.¹⁴

Proposições como essas nos dão uma pista de onde se encontram as simpatias filosóficas do próprio Barr: na filosofia da linguagem anglo-americana, em especial naquele ramo dela que se concentra na análise da linguagem cotidiana. Isso significa a corrente filosófica comumente associada à obra do “segundo” Wittgenstein. Para os nossos propósitos aqui, isso tem importância porque é em torno desse paradigma filosófico que uma cisão de largas implicações começa a se dar dentro da linguística. A razão dessa cisão, dessa mudança de paradigma dentro da linguística, é, não por último, a gradual aceitação de todo um conjunto de diferentes pressupostos filosóficos.

Mudanças de paradigma na linguística e sua importância para a pesquisa bíblica

A insistência de Barr em que a pesquisa bíblica, que lida constantemente com a linguagem, esteja sempre sintonizada com a pesquisa na área da linguística é um de seus maiores méritos. Barr também chamou a atenção a uma diferença importante: que a linguística, como ciência, é algo diferente do que a filologia, como praticada na antiga escola historicista. A diferença principal está em uma concepção mais ampla do fenômeno da linguagem. E, associado a isso, as investigações empíricas sobre as manifestações concretas da linguagem nas línguas das diversas culturas e épocas. Para Barr, o estudo das línguas bíblicas negligenciou por tempo demais os resultados da pesquisa linguística. Ele só vê um futuro aí se “integrado à linguística geral”¹⁵. Ou, como ele decreta logo adiante, “a continuação da análise dessa série de problemas requer uma abordagem que passe pela perspectiva da linguística geral”¹⁶.

A intensa discussão motivada pelo livro de Barr prova que, na época, ele estava dando voz a um sentimento compartilhado por muitos pesquisadores e pesquisadoras nessa área. E como aqueles eram tempos de uma tímida abertura a estudos interdisciplinares, pesquisas sobre a relação entre a interpretação da Bíblia e a linguística contemporânea tiveram seu ímpeto fortalecido.

¹³ BARR, 1961, p. 291.

¹⁴ BARR, 1961, p. 281.

¹⁵ BARR, 1961, p. 290.

¹⁶ BARR, 1961, p. 291.

Isso gerou, de imediato, uma série de novos problemas. Um deles era o insuficiente número de pesquisadoras/es com a necessária competência nas duas áreas. Ou, dizendo melhor ainda, em três áreas. A importância da *filosofia* como pano de fundo da teoria e do pensamento, também nas pesquisas bíblicas e linguísticas, ia ficando sempre mais clara. Seria bem mais fácil se a gente pudesse dizer que filosofia (e teologia) não tem relevância para uma linguística cientificamente responsável, cuja tarefa se restringiria a “fatos linguísticos”. Que tal afirmação tenha sido constantemente repetida só reflete de modo particular um fenômeno comum na pesquisa científica no último terço do século 20: o embate entre as disciplinas e as perspectivas inter e multidisciplinares.

No que diz respeito a isso, a polêmica levantada por Barr pode nos ajudar ainda um passo adiante. Um dos seus méritos foi duplo: por um lado, o foco nos estudos linguísticos, sem, por outro lado, esquecer o quanto questões teológicas e filosóficas são relevantes no quadro geral, ao menos no que diz respeito à interpretação da Bíblia. Quase se poderia dizer que, para Barr, ser competente ou, ao menos, estar minimamente consciente das questões da teologia e da filosofia serve ao propósito de se manter em guarda contra uma possível influência inadequada dessas duas áreas no estudo de questões mais propriamente linguísticas. A ampla competência do próprio Barr nessas três áreas é uma das razões dessa revisitação de sua obra meio século depois. Ele percebia mais claramente do que outros pesquisadores/as quais os problemas e o que era decorrência deles, apontando para as questões de fundo que precisavam ser discutidas.

Novos desenvolvimentos na linguística contemporânea

A área da linguística, como outras, apresenta-nos um campo de pesquisa em que coabita uma grande diversidade de perspectivas, no interior de distintos paradigmas. Seguindo a linha de argumentação que nos temos proposto, a próxima pergunta seria por qual “escola” ou perspectiva linguística à qual Barr se associa e a que se refere quando fala de “linguística moderna” ou da “nova linguística”.

Como uma abordagem possível a essa questão, quero aqui me referir a uma tipologia sugerida dentro da linguística contemporânea e a qual aceito, em princípio, como hipótese inicial de trabalho. Ela se encontra detalhada em várias obras do linguista americano George Lakoff, especialmente num instigante livro em parceria com o filósofo Mark Johnson, no fim da década de 1990.¹⁷

A razão mais imediata dessa escolha é, como ainda veremos em mais detalhes, que o presente estudo faz parte das pesquisas teóricas em torno da produção de um novo dicionário do hebraico bíblico, o *Semantic Dictionary of Biblical Hebrew*, e seu correspondente em português, o *Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico*.

¹⁷ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh**. The embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

Esses dicionários fundam sua perspectiva teórica sobre a linguística cognitiva, como desenvolvida por Lakoff e outros linguistas contemporâneos.

No mencionado livro, Lakoff e Johnson mostram como uma “mudança de paradigma” teve lugar, nas três últimas décadas do século passado, na área da linguística. Eles se referem comumente a “duas gerações” nas ciências da cognição (ou ciência cognitiva), como veio a ser chamado um conjunto de disciplinas científicas que têm em comum o estudo do desenvolvimento da cognição humana. Entre elas encontramos a linguística cognitiva, como abordagem dentro da área geral da linguística.

Para os nossos propósitos aqui é de especial importância que Lakoff e Johnson chamam a atenção aos diferentes pressupostos filosóficos que norteiam ou acompanham essas “duas gerações” de pesquisa e às consequências dos mesmos para as pesquisas linguísticas.

A filosofia é uma parte tão inerente e implícita de todas as disciplinas intelectuais, mesmo que nem sempre seja reconhecida como tal, que ela tem determinado, para muitos/as pesquisadores/as, o próprio conceito do que seja a ciência cognitiva. Há pelo menos duas abordagens à ciência cognitiva, que podem ser definidas por suas diferentes opções filosóficas: uma primeira geração da ciência cognitiva, que assumia os principais fundamentos da filosofia anglo-americana tradicional, e uma segunda geração, que colocou em questão a maioria desses fundamentos a partir de resultados de investigações empíricas.¹⁸

Isso nos traz de volta a James Barr e ao paradigma linguístico que ele representava. Dissemos acima que os pressupostos filosóficos com os quais ele operava podiam ser definidos como a filosofia analítica anglo-americana, especialmente a que se concentrava na análise da linguagem cotidiana, nas décadas de 1950 e 1960.

Naqueles anos, a filosofia anglo-americana se coadunava bem com certos paradigmas dominantes na época: as primeiras pesquisas na área da inteligência artificial, a psicologia do processamento de informações, a lógica formal, a linguística generativa e a ascendente antropologia cognitiva. Tudo isso teve seu papel na primeira geração da ciência cognitiva. E não por acidente. Muitos dos praticantes nesses paradigmas haviam sido treinados numa atmosfera regida pelos pressupostos da filosofia anglo-americana. Parecia natural, então, pressupor que a mente podia ser estudada em termos de suas funções cognitivas, ignorando os modos como essas funções surgem do corpo e do cérebro.¹⁹

¹⁸ LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 75.

¹⁹ LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 75.

Num livro publicado anteriormente, Lakoff²⁰ havia descrito uma linha de desenvolvimento partindo do “segundo” Wittgenstein até Eleanor Rosch, concentrando-se particularmente no surgimento da perspectiva de categorização com a qual trabalha o próprio Lakoff, dentro da “escola” de linguística cognitiva que ele e Johnson chamam de “segunda geração da ciência cognitiva”. Essa perspectiva, diz Lakoff, “não surgiu de uma hora para outra. Ela foi se desenvolvendo através de um número de estágios intermediários que foram levando ao modelo cognitivo”.²¹ Nesse desenvolvimento, a obra tardia de Wittgenstein representa uma espécie de divisor de águas.

É nessa mudança de paradigma, e em algumas de suas implicações para a pesquisa bíblica, que queremos nos concentrar a partir de agora, na busca por ancorar a pesquisa semântica do hebraico bíblico numa consistente plataforma linguística, como Barr demandava.

Como esses novos desenvolvimentos afetam pressupostos filosóficos objetivistas

Um dos grandes pressupostos da obra de Barr e do paradigma que ela representava é o de que *não há correlação entre o pensamento e a linguagem*. Muito da pesquisa bíblica até então, segundo Barr, trabalhava com o pressuposto de que *existia* tal correlação, e é nessa direção que vão suas críticas mais contundentes.

Essas críticas visavam a duas expressões da correlação entre linguagem e pensamento. A primeira eram os desenvolvimentos teológicos que dela se nutriam. Mais especificamente, Barr critica a forma de trabalho na interpretação bíblica em que conceitos teológicos eram construídos ou reconstruídos a partir de uma compreensão cumulativa do vocabulário bíblico, e então tais conceitos (linguisticamente inflacionados) eram superpostos ao sentido comum das palavras na interpretação dos textos bíblicos. A segunda expressão dessa correlação era uma versão do idealismo à qual se juntava uma *folk-psychology*, uma etnopsicologia que acreditava que a língua de um povo reflete, em suas estruturas, a psicologia desse povo. Essas duas expressões eram decorrência de um mesmo pressuposto: o da existência de uma correlação entre linguagem e pensamento, pressuposto que Barr queria demonstrar como falso a partir da perspectiva com a qual ele operava.

Entrementes, cinquenta anos depois, a linguística contemporânea opera com pressupostos que diferem significativamente dos de Barr e das pesquisas linguísticas de sua época. Certo que precisamos admitir uma coexistência de paradigmas. O paradigma representado por Barr ainda está vivo em certos ambientes acadêmicos, mesmo que com modificações.

²⁰ LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things**. What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. p. 12-57.

²¹ LAKOFF, 1987, p. 11.

Os anos que passaram vieram a demonstrar não só as inadequações dos pontos de vista criticados por Barr, mas também os problemas com o seu próprio ponto de vista. Ao afirmar isso, precisamos de imediato nos assegurar de não perder os ganhos acumulados com a revolução paradigmática ocorrida com a introdução da perspectiva representada por Barr. Na pesquisa bíblica, isso significa que suas críticas a uma inflação de percepções teológicas advindas de uma metodologia inadequada, baseada em pressupostos inadequados, devem ser bem recebidas. De modo algum se está propondo uma volta acrítica a um estágio anterior da pesquisa.

Não obstante, a principal questão em torno da qual girava a crítica de Barr, ou seja, a ausência de uma correlação entre linguagem e pensamento, precisa ser revisada à luz do progresso posterior das pesquisas. Mesmo que as razões dessa revisão não sejam as mesmas que animavam as pesquisas a que Barr e seu paradigma se opunham, muitas vezes acertadamente.

Hoje, um número cada vez maior de linguistas concorda que “as nossas capacidades cognitivas parecem estar intimamente correlacionadas às nossas capacidades linguísticas”²². Segundo George Lakoff, uma das proposições fundamentais da linguística cognitiva é “que a linguagem faz uso do nosso aparato cognitivo geral”.²³ Se essa proposição é correta, diz Lakoff, seguem-se dois conjuntos de considerações. O primeiro é que “categorias linguísticas deveriam ser do mesmo tipo de outras categorias do nosso sistema conceitual”. O segundo é que “evidências acerca da natureza das categorias linguísticas deveriam contribuir para uma compreensão ampla das categorias cognitivas em geral”.

Lakoff reconhece que

a questão é profunda, porque de maneira alguma é óbvio que a linguagem faz uso do nosso aparato cognitivo geral. Na verdade, os pontos de vista mais aceitos sobre a linguagem, tanto na linguística como na filosofia da linguagem, afirmam uma proposição oposta: de que a linguagem é um sistema “modular” *independente* do resto dos processos cognitivos.²⁴

Para Lakoff e Johnson²⁵, a grande diferença entre a primeira e a segunda geração da ciência cognitiva se cristaliza na palavra *embodiment*, que deveríamos traduzir por *incorporação*, tendo o cuidado de não confundir com “incorporação”, especialmente em contextos de filosofia espiritualista. Resumindo numa frase: a primeira geração da ciência cognitiva era carregada pelos pressupostos de uma “filosofia sem carne”.

²² DEVITT, Michael; STERELNY, Kim. **Language & Reality**. An introduction to the philosophy of language. Oxford: Basil Blackwell, 1987. p. 117.

²³ LAKOFF, 1987, p. 58.

²⁴ LAKOFF, 1987, p. 58.

²⁵ LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 76.

Isso significa: “não havia corpo neste conceito de mente”, conceito que “assumia um estrito dualismo, em que a mente era caracterizada em termos de suas funções formais”. A mente achava-se incorporada no cérebro da mesma maneira que *softwares* precisam de um *hardware* para rodar. “Funcionalmente, a mente era desencorporada. Além disso, o pensamento era visto como literal; capacidades imaginativas simplesmente não tinham lugar nesse quadro. Tratava-se de uma versão moderna da perspectiva cartesiana de que a razão é transcendental, universal, sem corpo e literal.”²⁶ Em outras palavras, marcando onde está a diferença,

o relato tradicional afirma que a capacidade para o pensamento dotado de significado e para a razão é abstrata, não necessariamente incorporada em algum organismo. Conceitos significativos e racionalidade são *transcendentais*, no sentido de transcenderem, ou irem além, das limitações físicas de um organismo. Conceitos significativos e razão abstrata podem se encontrar incorporados em seres humanos, ou em máquinas, ou em outros organismos – mas eles existem em abstrato, independente de qualquer incorporamento particular. Já no novo ponto de vista, significado é uma questão de o que faz sentido para seres pensantes, funcionantes. A natureza do organismo pensante, e o modo como ele funciona em seu ambiente, são centrais no estudo da razão e da racionalidade²⁷.

A “segunda geração” da ciência cognitiva começou a surgir na segunda metade da década de 1970, que, na pesquisa bíblica, coincide com uma “era pós-Barr”. Gradualmente ela foi acumulando um impressionante conjunto de pesquisas empíricas que colocavam em questão alguns dos pressupostos mais fundamentais da abordagem anterior, no âmbito da cognição e da linguagem.

Dois tipos de evidências foram sendo reunidas, que “contradiziam diretamente os pressupostos da filosofia anglo-americana”. O primeiro indicava “uma forte dependência dos conceitos e da razão em relação ao corpo”. O segundo apontava para “a centralidade, na conceitualização e na razão, dos processos imaginativos, especialmente metáfora, imageamento, metonímia, protótipos, molduras, espaços mentais e categorias radiais”.²⁸

Em síntese, as descobertas da segunda geração de cognitivistas revelavam

o papel central da nossa compreensão incorporada em todos os aspectos do significado e da estrutura e conteúdo do nosso pensamento. Significado tem a ver com os modos pelos quais nós funcionamos com sentido no mundo, e de como configuramos isso através das estruturas corporais e imaginativas. Isso representa um contraste em relação ao ponto de vista da primeira geração [de cognitivistas], de que significado é apenas uma relação abstrata entre símbolos (desde uma perspectiva), ou entre

²⁶ LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 76.

²⁷ LAKOFF, 1987, p. x.

²⁸ LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77.

símbolos e estados no mundo (desde outra perspectiva), não tendo nada a ver com o modo como a nossa compreensão é ligada ao corpo²⁹.

A semântica do hebraico bíblico à luz da linguística cognitiva

A pesquisa semântica do hebraico bíblico atingiu um novo ponto significativo nos anos 1990, como resultado de desenvolvimentos das décadas anteriores. Uma visão panorâmica desse desenvolvimento e do novo ponto alcançado encontra-se na tese de doutorado de Reinier de Blois, defendida em Amsterdam no final da década de 1990³⁰, e em dois *papers* escritos nos primeiros anos da década de 2000.

O novo foco nos campos semânticos

A abordagem dos campos semânticos está presente explicitamente na linguística desde a década de 1930, e não mais tem sido abandonada desde então, mesmo que nem sempre tenha sido privilegiada. Na pesquisa bíblica, ela começa a ter alguma importância na década de 1970. Uma primeira aplicação sistemática temos nos trabalhos de Eugene Nida, que culminaram com a produção, em parceria com Johannes Louw, do *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains* (1988-89).

De acordo com Nida, palavras “possuem sentido unicamente em termos de contrastes sistemáticos com outras palavras que com elas compartilham certas características, mas que contrastam com elas no que diz respeito a outras características”.³¹ Isso traz consigo o reconhecimento de que “cada palavra particular é membro de um grupo maior de palavras que possuem certos aspectos de significado em comum. Tal grupo pode ser chamado de *campo semântico* ou *domínio semântico*. O significado de uma palavra só pode ser compreendido plenamente quando se a estuda em combinação com outras palavras que fazem parte do mesmo domínio semântico”.

Aqui, portanto, as palavras não são tratadas isoladamente, mas em suas conexões com outras *palavras* que com elas compõem um âmbito lexical com características de parentesco. O estudo das palavras desde a perspectiva dessas conexões e o estudo dos âmbitos lexicais assim formados é tarefa de uma *semântica lexical*. Ela abarca, idealmente, a localização do conjunto do vocabulário de uma língua em seus campos semânticos próprios.

Uma segunda tarefa, análoga, direciona a pesquisa do significado das palavras de uma língua numa outra direção. Dando de novo a palavra a Nida, “o significado de uma palavra tem relação com um conceito ou com um conjunto de conceitos que as pessoas têm acerca de uma entidade ou de um conjunto de enti-

²⁹ LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 78.

³⁰ de BLOIS, 2000a.

³¹ NIDA, 1975 apud de BLOIS 2000a, p. 4.

dades no mundo que as rodeia. Tais conceitos podem variar de uma língua ou de uma cultura para outra”.³²

Aqui, então, as palavras são relacionadas não com outras palavras ou campos de palavras, mas com as *coisas* a que as palavras se referem. Reconhece-se, no entanto, que essa conexão entre as palavras e as coisas não é direta: ela se dá através “dos conceitos ou conjuntos de conceitos” que as pessoas têm acerca das coisas de seu meio ambiente. Isso significa a introdução de um terceiro campo de força entre as palavras e as coisas: o pensamento.

Três elementos são, assim, colocados em relação. A exata natureza dessa relação é um dos problemas mais complexos e mais cruciais da linguística como ciência, ao menos de uma perspectiva cognitiva. É a introdução desse terceiro campo gravitacional que distingue, entre outros aspectos, a abordagem proposta pela “nova geração” de cognitivistas. Já vimos como a “primeira geração” tratava o significado ou o sentido, ou como relação abstrata entre símbolos (= palavras) ou como relação entre símbolos e estados ou entes no mundo (= coisas).

Segundo Fillmore e Atkins, “o significado de uma palavra só pode ser compreendido com referência a um pano de fundo estruturado de experiências, crenças ou práticas que constituem uma espécie de pré-requisito conceitual para a compreensão do significado das palavras”.³³

Aqui o campo gravitacional intermediário, que acima chamamos de “conceitos”, recebe uma expansão: trata-se de “um pano de fundo” que tem uma estrutura própria (variável entre as línguas, culturas e mesmo entre pessoas de diferentes lugares ou épocas, no interior de uma mesma língua e/ou cultura) e que se compõe de “experiências”, “crenças” e “práticas”; ou seja, trata-se de uma “cultura” em sentido genérico. O entendimento dessa cultura é um “pré-requisito conceitual” para a compreensão do significado das palavras no interior dessa cultura.

De fundamental importância é, ainda, que a compreensão de “cultura” e de “pensamento” aqui são indissociáveis da existência corporal dos/as falantes da língua. É dos corpos que ambos surgem, e é nos corpos que eles habitam.

Basicamente, o que o tipo de ciência representado na pesquisa bíblica por Barr coloca em compartimentos separados, a linguística cognitiva se vê forçada a colocar junto. O paradigma objetivista separa a linguística, enquanto estudo das palavras ou da relação entre palavras e coisas, de estudos etnoculturais, enquanto estudo do pano de fundo cultural onde palavras e coisas são percebidas e designadas e recebem significados. Com isso, do ponto de vista da ciência cognitiva, nem um nem outro podem ser compreendidos adequadamente, justamente porque a conexão íntima entre esses âmbitos pervade o conjunto dos significados.

³² NIDA, 1975 apud de BLOIS 2000a, p. 5.

³³ FILLMORE; ATKINS, 1992 apud de BLOIS 2000a, p. 5.

A pesquisa de campos semânticos e o hebraico bíblico

As pesquisas e a publicação do “Louw-Nida”, o dicionário do grego do Novo Testamento organizado por campos semânticos, como era de se esperar, levou à pergunta por sua aplicabilidade ao hebraico do Antigo Testamento. De Blois apresenta uma síntese dessa discussão.³⁴ Suas próprias conclusões se encontram num sumário redigido em primeira pessoa:

que a moldura usada para o dicionário do Novo Testamento não funcionou muito bem com os dados do hebraico bíblico. Distinções tinham que ser feitas que, da perspectiva dessa língua e da visão de mundo que a subjaz, não podiam ser feitas. Assim tive que concluir, depois de algum tempo, que uma mera adaptação da lista de domínios proposta por Louw e Nida não seria suficiente para dar conta do problema.³⁵

O que se fazia necessário, e desde então se tornou a ambição, era “conseguir produzir uma moldura modificada, que fizesse plena justiça a uma língua como o hebraico bíblico e sua cultura e visão de mundo subjacente, sem se desfazer de importantes percepções que Louw e Nida nos legaram”³⁶.

Textos diferentes, línguas e culturas diferentes, porém, ainda não representavam todo o problema. Um dos maiores méritos das pesquisas semânticas de Louw e Nida foi ter esboçado uma base teórica que representava um importante passo adiante no âmbito da lexicografia bíblica. Essa base teórica, porém, estava ela própria necessitando de uma revisão em certos aspectos, à luz dos novos desenvolvimentos. De Blois sintetiza essa discussão:

Louw e Nida basearam sua moldura semântica num modelo teórico que tem sido designado de *análise de significado componencial*, que descreve os significados das palavras em termos de características binárias que as distinguem. Essa teoria recebeu bastante atenção nos anos 70 e 80 do século passado. Desde lá, porém, novas percepções importantes têm surgido no horizonte da linguística. Pesquisadores/as têm começado a dar mais atenção à realidade cognitiva por trás de uma língua, incluindo aí o conjunto dos padrões comunicativos, nos quais a linguagem exerce um papel tão crucial. Novas abordagens, como a teoria de relevância e a linguística cognitiva, podem ser de grande ajuda nesse processo. Em nossas análises linguísticas, não deveríamos visar somente a sistemas descritivos que funcionam, mas também sistemas que são intuitivamente adequados, que representem o melhor possível os modos de pensar dos/as falantes da língua e façam justiça à sua organização da experiência, seu sistema de crenças, de experiências e de práticas. Certamente não

³⁴ de BLOIS, 2000a, p. 19-22.

³⁵ de BLOIS, 2000a, p. 1.

³⁶ de BLOIS, 2000a, p.19.

devemos impor um sistema sobre uma língua. Devemos, sim, tentar descobrir a estrutura semântica da língua.³⁷

O Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico

A tarefa, então, era a produção de “um dicionário de hebraico baseado em um fundamento semântico linguisticamente adequado, e que faça plena justiça ao hebraico bíblico e à visão de mundo por trás dele”³⁸, ou, como essa última frase é ampliada um pouco adiante no mesmo texto, “ao hebraico bíblico e seu subjacente sistema de experiência, crenças e práticas”³⁹. Esse fundamento semântico linguisticamente adequado deveria ser colocado “não impondo um sistema sobre uma língua”, mas “descobrimo a estrutura semântica da língua”. Para isso, o melhor instrumento seria a linguística cognitiva. A adoção dela representa, então, o desenvolvimento mais significativo entre as pesquisas de Louw e Nida e as pesquisas que levaram à produção do dicionário do hebraico bíblico que segue as suas pegadas.

Cito aqui apenas um exemplo para ilustrar isso. Ele diz respeito à importante questão da categorização. Segundo de Blois, “categorias têm *atributos* que fornecem informações sobre categorias. À primeira vista, um *atributo* parece similar a um *componente de significado*”⁴⁰, uma noção com a qual Louw e Nida trabalhavam. “Há uma importante diferença, todavia”, diz de Blois. “Um componente de significado é uma característica *distinta*, ao passo que um atributo não é distinto por natureza. Um atributo é uma característica *cognitiva*, representa o que um/a falante da língua considera ser a informação relevante”.

Esse exemplo indica que a tradição representada por Louw e Nida ainda trabalhava, em certos aspectos, com pressupostos objetivistas, os quais são abandonados pela linguística cognitiva.

Um dicionário semântico

No início dos anos 1960, James Barr parece ter tido suas próprias ideias a respeito do que um dicionário deveria ser. Um dicionário de hebraico, para ele, devia ser algo como “um guia adequado para se poder ler o hebraico”, o que para ele *não* era a mesma coisa que “um guia para se acessar a estrutura linguística em sua relação com o pensamento”⁴¹. Para essa última tarefa, no que ela teria de cientificamente legítimo, um dicionário “não é um bom instrumento”⁴².

³⁷ de BLOIS, 2000a, p. 1-2.

³⁸ de BLOIS, 2000a, p. 15.

³⁹ de BLOIS, 2000a, p. 20.

⁴⁰ de BLOIS, 2002, p. 4.

⁴¹ BARR, 1961, p. 96.

⁴² BARR, 1961, p. 233.

Em outras passagens de seu livro, Barr relaciona esse tipo de abordagem mais ampla à área de estilística. “Linguisticamente”, diz ele, “os resultados mais importantes das sugestões que eu fiz a respeito da linguagem bíblica parecem ser que a investigação deveria proceder mais no âmbito que poderíamos, a grosso modo, chamar de estilística; e que o que tem sido tentado por métodos lexicográficos resulta demasiado”. É no campo da estilística que, particularmente, “questões de etnopsicologia, implicadas em muito do que discutimos”, deveriam ser abordadas⁴³.

Essas alusões de Barr a estudos estilísticos parecem próximas ao que hoje se chama de análise de discurso. Mas análise de discurso é uma operação intratextual e não inclui, a princípio, o que é justamente a questão maior para a linguística cognitiva: que discursos são feitos por pessoas de carne e osso, e que o significado de suas palavras só se deixa apreender completamente por uma consideração dos marcos conceituais imbricados na cultura em que essa pessoa de carne e osso foi criada e vive, e que determinam parcialmente os significados das palavras.

Um dicionário *semântico*

A questão que permanece ao longo dos 50 anos que se passaram entre as pesquisas de Barr e os nossos dias é o que seria uma semântica responsável; e, mais especificamente ainda, como ela afeta a produção de um dicionário. A partir dos pressupostos do paradigma com o qual ele trabalhava, e com o qual ainda hoje muitos continuam trabalhando, uma abordagem semântica linguisticamente responsável deveria separar questões de linguagem de “questões de pensamento e de etnopsicologia”. Uma correlação excessiva e inapta entre esses conjuntos de questões teria levado a falsas ideias do que é um dicionário e, num compasso maior, a uma interpretação bíblica inadequada.

A partir do paradigma cognitivo, é justamente essa correlação que precisa ser trabalhada, dado o fato de que ela é inerente à linguagem e a afeta constantemente. Isso não significa, há que se repetir, voltar à era pré-Barr e requestrar velhos pratos e servi-los como última palavra na ciência. O grande diferencial entre a correlação que era feita antigamente entre linguagem e pensamento e a que é feita hoje tem um nome: corporeidade. É a introdução desse terceiro campo de força que distingue as pesquisas atuais de empreendimentos passados. A relação entre corporeidade e cognição, devidamente compreendida, leva a uma mais adequada percepção da linguagem, também no caso do hebraico bíblico.

Uma das consequências disso é que todo esse conjunto deve ser levado em conta na produção de um dicionário de uma língua. Que isso significa pesquisas suplementares e um trabalho bem mais complexo é desnecessário dizer. Mas que só assim compreenderemos o significado das palavras como usadas realmente por pessoas reais, é preciso dizer. Por essa razão, o novo dicionário do hebraico bíblico

⁴³ BARR, 1961, p. 272.

que se ambiciona deve não só sugerir traduções das palavras para as línguas receptoras, mas também defini-las discursivamente, tentando captar os conteúdos a que se referem de uma maneira mais “visual”, assim fazendo justiça à importância da imageação na cognição humana. E deve também registrar os campos semânticos dos quais as palavras fazem parte, tanto em suas relações linguísticas como em seus marcos contextuais.

Essa é a tarefa e a ambição que anima o trabalho de produção do *Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico*. O acerto dessas percepções pode ser melhor provado pela leitura dos verbetes já produzidos e também pela comparação entre eles e os verbetes equivalentes em outros dicionários.⁴⁴

Referências bibliográficas

- BARR, James. **The Semantics of Biblical Language**. Oxford: OUP, 1961.
- de BLOIS, Reinier. **Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew based on Semantic Domains**. Dissertation, Vrije Universiteit Amsterdam, 2000a.
- _____. **Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew based on Semantic Domains**. SBL Paper, 2000b. Disponível em: <<http://www.sdbh.org/framework/index.html>>.
- _____. **Lexicography and Cognitive Linguistics: Hebrew metaphors from a cognitive perspective**. SBL Paper, 2002. Disponível em: <<http://www.sdbh.org/framework/index.html>>.
- DEVITT, Michael; STERELNY, Kim. **Language & Reality**. An introduction to the philosophy of language. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things**. What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh**. The embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.
- MUELLER, Enio R. “O Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico: um guia prático”. In: **Fórum de Ciências Bíblicas**, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, v. 3, p. 25-44, 2008. Disponível também em: <<http://www.sdbh.org/vocabula/index-pt.html>>.

⁴⁴ MUELLER, Enio R. “O Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico: um guia prático”. In: **Fórum de Ciências Bíblicas**, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, v. 3, p. 25-44, 2008. Disponível também em: <<http://www.sdbh.org/vocabula/index-pt.html>>.